

VESTÍGIOS DO SER DISCENTE NO FAZER ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO
Memórias de professores e professoras em mim

**SOME TRACES OF MY STUDENT LIFE IN CURRENT ARTISTIC AND
PEDAGOGICAL ACTIVITIES AS AN ART TEACHER**

Those teachers who lives inside me

ROSIMEIRE GONÇALVES DOS SANTOS¹

RESUMO

Este artigo relata um processo de desmontagem teatral (DIEGUEZ, 2009) no qual foram recuperadas memórias de infância e de experiências discentes como elementos fundantes das práticas de uma professora de Teatro engajada na formação de professores da Educação Básica. Serão citadas lembranças de mestres e mestras importantes no percurso de formação da autora. Dentre as descobertas deste percurso, será destacada a Educação a Distância (EaD), que no momento é tema do projeto de sua pesquisa de doutoramento.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias escolares, EaD, Ensino de Teatro

RESUMEN

El artículo presenta un caso de desmontaje teatral (DIEGUEZ, 2009) en la que los recuerdos y las experiencias de la autora cuando estudiante se recuperaron como elementos fundamentales de sus prácticas pedagógicas de teatro como maestra dedicada a la formación de profesores de Educación Básica. Hablará asimismo de algunos recuerdos de los maestros y maestras que fueron importantes en el curso de formación de la autora. Entre los conocimientos adquiridos de esta manera, se resaltaré Educación a Distancia (DE), que en este momento es el tema de diseño de su investigación doctoral.

PALABRAS CLAVE: Recuerdos de la escuela, Educación a Distancia, Enseñanza de Teatro

ABSTRACT

This paper describes a theatrical dismantling process (DIEGUEZ, 2009) in that recovered memories of childhood and of school experiences will be reported as founding elements of the practices of a teacher of theater engaged in training teachers of Basic Education. Along the text will be mentioned some memories of teachers, male and female, who were important during the formation of the author. Among the findings of this route will be highlighted Distance Education (DE), which at the moment is the design theme of her doctoral research.

KEYWORDS: School memories, Distance Education, Theatre teaching

¹ DINTER/UNIRIO/UFU; Doutoranda; Em andamento; Processos Formativos e Educativos; Orientador Prof. Dr. Adilson Florentino da Silva; Docente (UFU).

1. Sobre a técnica da desmontagem cênica

O material gerador deste artigo foi desenvolvido na disciplina Tópicos Especiais em Ensino e Aprendizagem em Artes: Pedagogia(s) do Teatro – Práticas Contemporâneas, conduzida pela Profa. Dra. Mara Lucia Leal, Programa de Pós-Graduação em Artes (PPPGArtes) da UFU, com a participação do professor do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPGAC/Unirio), Dr. Paulo Merísio e da professora pesquisadora da Universidade Autônoma do México, Ileana Dieguez. Uma parte deste texto já foi publicada em formato digital nos anais do XXIII Congresso da Federação dos Arte-Educadores do Brasil.²

O enfoque dado à disciplina de pós-graduação conduziu naturalmente os estudos sobre a técnica chamada desmontagem cênica, campo atual das pesquisas realizadas pela professora Ileana a partir da análise de processos de criação de coletivos de performers e coletivos latinoamericanos para um despertar da nossa consciência sobre o trabalho da memória na concepção e condução do trabalho pedagógico. Como resultado da apreciação de desmontagens observadas no III Interfaces, evento realizado pelo PPGARTES da UFU, em que aconteceram também os minicursos da professora Ileana Dieguez, da professora Ida Mara Freire (UFSC) e a palestra do professor sul-africano Gerard Samuel, da University of Cape Town, que participavam do II Encontro Nacional do PIBID – Teatro³ e, principalmente, com a preparação de nossa própria desmontagem cênico-pedagógica, nós, estudantes da disciplina, tornamo-nos especialmente sensíveis em relação aos vestígios de memória de processos artísticos e formativos vividos em nosso percurso na condição de estudantes, desde a infância até os processos mais recentes e à maneira como essas lembranças lembradas refletem em nossas práticas atuais.

Foi a crença no potencial transformador da EaD que me impulsionou a propor pesquisa nesse campo de estudos. O projeto de pesquisa *Um olhar etnográfico com as lentes do pensamento complexo*: a Licenciatura em Teatro na Educação a Distância propõe discussões sobre o real, o virtual e o atual no ensino dessa arte, assim como se propõe a considerar noções de presença, distância e telepresença para fazer um mapeamento da formação dada aos concluintes da

² Conf. SANTOS, R. G. “Dos professores e professoras em mim ao material didático em EAD, um salto?”. In: Anais do XXIII CONFAEB: arte/educação no Pós-Mundo. XXIII Congresso da FAEB. UFPE: Porto de Galinhas-PE, 03/11 a 06/11 de 2013. ISBN: 978-85-415-0369-3

³ O II Encontro nacional do PIBID – Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência, da área de Teatro, aconteceu na UFU no período de 18 a 21 de abril de 2013, sob a coordenação das professoras Paulina Caon e Mariene Perobelli. O evento contou com financiamento da CAPES e apoios do Instituto de Artes e Coordenação do Curso de Teatro da UFU.

Licenciatura em Teatro da UnB, na modalidade a Distância, dentro do consórcio da UAB, nas turmas encerradas em 2011 e 2013 e contextualizar as opções encontradas pelos estudantes formados para atuação em suas comunidades como professores e agentes culturais.

A partir deste ponto do texto, passo a relatar os processos desencadeados na memória emotiva relacionada à minha formação como formadora de professores de Teatro para a Educação Básica. Serão considerados, nesse exercício, desde o desbravamento de um caminho nem sempre reto de artista e docente, até o surgimento do interesse por atuação docente na EaD, chegando a escolha desse tema de pesquisa.

Apresentarei algumas inquietações do processo de criação da desmontagem que nem tinha título quando a criei para o exercício cênico da disciplina Pedagogia(s) do Teatro – Práticas Contemporâneas e veio a se chamar “Recortes de um percurso artístico e pedagógico”, após provocação da colega Sigrid Wiggers, que desejava citar em seu artigo algum aspecto da relação entre sua produção artística na disciplina e o trabalho de cada um de nós cursistas, pois não há como negar as mútuas e enredadas interferências das nossas criações entre si, naquele contexto acadêmico.

Com o artigo “Des/tejer, desmontar, de/velar”, Ileana Dieguez introduz o livro que organizou sobre processos de desmontagem de artistas de teatro da América Latina (DIÉGUEZ, 2009). Como referência para o surgimento dessa espécie de método de análise teórico-prática, traz o conceito de desconstrução de Jacques Derrida, nomenclatura por si já bastante problemática, como afirma o autor na “Carta a um amigo japonês”:

Más que destruir era preciso asimismo comprender como se había construído un ‘conjunto’ y, para ello, era preciso reconstruirlo. No obstante la apariencia negativa era e sigue siendo tanto más difícil de borrar cuanto que es legible en la gramática de la palabra (des-), a pesar de que esta puede sugerir, también, mas una derivación genealógica que una demolición. Esta es la razón por la que la dicha palabra, al menos por sí sola, no me ha parecido nunca satisfactoria (pero ¿que palabra lo es?) y la razón por que debe estar siempre rodeada de un discurso (DERRIDA, 1997, p. 3).

Enquanto preparava minha cena, considerei os colegas de turma como parceiros e parceiras nos percursos da memória em busca de uma passagem de vida significativa que tivesse colaborado para engendrar nossa condição de artistas ou educadores. Éramos cúmplices de um processo potente de autoconhecimento e desvelamento dos métodos e, por que não dizer, dos entraves dos métodos de criação. Para alguns, o próprio processo se configurou ainda como criação artística, pois a desmontagem traz em si a possibilidade latente de uma (nova?) cena.

Não compartilhávamos da segurança de Edgar Allan Poe ao afirmar que “só tendo em vista, constantemente, o final da história é que podemos dar a um enredo seu indispensável ar de consequência, ou causa, fazendo com que os incidentes, e especialmente o tom, apontem, o tempo todo, para o desenvolvimento da intenção”. Em certa medida, era essa a busca, porém, quais acontecimentos marcar de uma trajetória, que produções eger para falar ou calar sobre e, com isso, explicar o que se é, neste momento de vida, eram questões pulsantes. “Das inúmeras emoções, ou impressões, a que o coração, o intelecto, ou (mais frequentemente) a alma é suscetível, qual eu escolho neste momento? (POE, 2011, p.18)”. Foi necessário que cada um de nós desvendasse seu próprio método.

Colocada na perspectiva de interação entre arquivo e repertório desenvolvida por Diana Taylor (2013), em seu livro recentemente publicado pela UFMG, a cena da minha desmontagem foi construída por vestígios de memória transformados em texto e movimento. Nela, mobilizo meu arquivo de imagens e objetos selecionados e vivencio o repertório de gestos e sons da infância e juventude para falar dos aprendizados que marcaram minha formação de professora de Teatro.

2. Recortes de um percurso artístico e pedagógico

2.1. Do ponto de vista de uma menina



**Figura 1. Registro oficial do Grupo Escolar
no período do Ensino Fundamental**

Nas lembranças pessoais, cintilaram imagens de dois professores da escola pública onde cursei a segunda fase do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, o Colégio Estadual João XXIII: Dona Helena e Cléber, ambos professores de língua inglesa. Ela, por ter me incentivado a conhecer outra cultura através da língua e também a tricotar sapatinhos e casacos de bebê para ter algum dinheiro para os livros. Ele, por dizer que a tradução era a profissão do futuro e que, nós, os bons alunos de

inglês deveríamos pensar nisso. O conselho ficou registrado no inconsciente e foi recuperado no momento em que marquei Letras-Tradução como segunda opção no vestibular para Comunicação, na UnB. Acabei fazendo um ano e meio de curso, antes de me decidir, finalmente, pelo campo das Artes. Mais do que me ensinarem os fundamentos de um idioma, o mestre e a mestra do Colégio ensinaram-me a acolher a alteridade de maneira incomum ao que, então, era visto nas demais disciplinas. Havia, na fala deles, preocupações genuínas com a turma, na medida em que sabiam apontar setinhas para o nosso futuro. Eu nem sabia que queria sair de Ceres, cidade pequenina do interior de Goiás, com pouco mais de 20.000 habitantes, mas os professores souberam falar a uma parte escondida de mim que desejava conhecer lugares e pessoas diferentes, aprofundar experiências de alteridade, alargar horizontes, tudo o que, do meu ponto de vista, a cidade não me permitiria. Era torturante a ideia de me tornar mais uma moradora conformada com os limites do cotidiano de uma cidadezinha do interior. Talvez, o maior limite para os sonhos infantis fosse a situação econômica da família. No entanto, naquele momento, não importavam os motivos para sonhar ou deixar de sonhar com outras realidades. Importavam os professores e suas aulas que me davam essa permissão.

Nenhuma lembrança me ocorre das esparsas aulas de Artes, que foram substituídas por disciplinas mais pragmáticas das artes industriais ou de preparação para o trabalho, inclusive preparação para o trabalho doméstico, no caso da nossa turma. Aprendi a pregar botão, diferenciar os vários cômodos e estilos de interiores de residências e até fiz um caderno de receitas ditadas pela professora, com ingredientes que nem conhecíamos, como licores e especiarias. No interior de Goiás, eram esses os trabalhos que desenvolvíamos no que deveriam ser as aulas de artes nos anos 1970 e inícios dos 1980. Se forço um pouco mais a memória para buscar eventuais influências artísticas na escola, consigo me recordar do professor Marcio, de Biologia, que desenhava os tecidos celulares no quadro exatamente como no “livro do professor” e nós copiávamos. Tão detalhados eram seus desenhos, que nossos cadernos tornavam-se “cadernos do aluno” de uma mesma coleção. Sem que ele soubesse, aprendi a exercitar cópias de desenhos com ele.

2.2. A matéria de nossas criações

Da parcela ribeirinha da infância, guardo lembranças da brincadeira de modelar panelinhas de barro com a avô pernambucana, casada muito jovenzinha com o aventureiro avô



Figura 2. Morros e casas próximos ao Rio das Almas, em Ceres-GO

baiano, que levou a família em início de formação para a cidade que também começava a se formar, durante a épica Marcha para o Oeste, de Bernardo Sayão, no período referente à construção da rodovia Belém-Brasília.

Na desmontagem cênica, senti necessidade de pisar a argila para apresentar minha relação com a avó materna. Durante a preparação da cena, percebi que o barro despertava a memória de outros espaços educativos onde estudei: os prédios do edifício SG1 (Serviços Gerais) e da Maquete, ambos no campus Darcy Ribeiro da UnB, na Asa Norte, de onde saía em aulas de campo na turma da professora Laís Aderne para conhecer o trabalho da artesã Maria do Barro, que pisava nossa matéria-prima lenta e firmemente, enquanto respondia perguntas sobre a origem daquele barro e o ponto ideal da liga a ser atingido com as pisadas para que os estudantes de disciplinas voltadas à experimentação pudessem utilizá-la em seus projetos.

Pisar o barro, na desmontagem, significou para mim uma reconexão com o Rio das Almas da infância, ponto de partida da aprendizagem lúdica, mas significou também a arqueologia da memória suscitada por esse material, assim tratado como fio condutor das lembranças que ligam em espirais a mestra Laís Aderne, Maria do Barro e Maria José, minha avó, passando por uma moça, monitora da disciplina de Introdução a Escultura, cuja imagem me aparece um pouco borrada, pisando o barro na área externa da Maquete. Seria a Nivalda? Pode ser, mas não identifico um rosto conhecido, talvez seja a própria Maria do Barro que tenha preferido levar o barro bruto e prepará-lo para o trabalho artístico ali mesmo, no prédio da Maquete apreciando a vista do Lago Paranoá por detrás do Minhocão, o Instituto Central de Ciências, campus universitário modernista de Oscar Niemeyer, cercado de horizontes azuis.

Quem era essa Maria? Em tempos de Google, digito seu nome na rede, com referências cruzadas com barro, UnB+anos 80, Brasília+anos 80, cerâmica, argila, artesanato e nada, não há traços, senão nas memórias, imagino, minhas e de colegas que, assim como eu, tiveram aulas no prédio da Maquete no feliz período da abertura democrática, encantados pela gestão do primeiro reitor que elegemos, Cristovam Buarque. E o registro mais profundo dessa personagem nas narrativas de uma memória melodramática e falha deve-se, certamente, ao desfazimento da hierarquia entre arte e artesanato posto em discussão muito frequentemente pelos mestres e mestras aqui selecionadas para lembrar. Persisto no meu roteiro, com todas as licenças poéticas e dramáticas que possam me conceder.

Na dramaturgia imaginária, Laís Aderne, então professora de Seminário Interdisciplinar, é quem volta a sensibilizar-me o olhar para a mulher simples, a Maria, que, para subsistência familiar,

coletava do rio que banha sua comunidade do entorno do DF o barro para nos vender, mas antes o trabalhava com os pés, cuidadosamente, ritmadamente. Descoberto? Paranoá? Ribeirão Sobradinho? Córrego São Bartolomeu? Ribeirão do Gama? Desmemoriada, uso lacunas como artifícios para tornar a dramaturgia ao menos um pouco contemporânea. Na mesma disciplina, conduzida por Laís, pesquisei a obra do artista popular Antonio Poteiro, pintor e escultor português aclimatado a Goiás. Descobrir a potência desse artista foi, mais uma vez, redescobrir uma profunda relação com a barranca do Rio das Almas.

Impossível permanecer às margens do rio. A vontade de sair e ganhar o mundo era grande, ainda que a distância entre os mundos recebido e conquistado hoje me pareça irrisória. A distância de apenas 308km entre Ceres e Brasília continua a parecer longa para quem, por ter se deixado submeter pelas armadilhas econômicas e simbólicas do cotidiano, enxerga a vida a passar como se a cidade natal tivesse muros intransponíveis. Muitas vezes, as percepções individuais das distâncias são diversas por estarem relacionadas ao tamanho da paixão por lançar-se ao desconhecido.

2.3. O fio condutor da narrativa pedagógica existencial



Figura 3. Avós maternos em foto retocada à mão, estilo ainda encontrado com frequência no Nordeste do país

No desenrolar do novelo da desmontagem, outras situações pedagógicas apareceram. Para demarcar o espaço cênico, usei como recurso uma pequena manta tecida no tear artesanal, comprada no Centro de Fiação e Tecelagem de Uberlândia. Esse foi o lugar onde fiz o primeiro passeio cultural, em Uberlândia, quando fui convidada a participar do I Encontro de Artes Cênicas do Cerrado, em 2007. Desde que me mudei para a cidade, preservo o ritual de levar sempre os visitantes para conhecê-lo. A mantinha xadrez precisava estar presente na cena de mim desmontada.

Lãs, novelos, linhas... precisei pisar o barro, retornar à infância e trazer de volta o fio de Cloto, a moira fiandeira, que presidia ao nascimento no mito grego. Para me aproximar desse momento a foto dos avós, pedaço mais antigo que, conscientemente, trago de mim. A foto retocada de casamento em moldura oval, dourada, carcomida e coberta por vidro resistente, ligeiramente abaulado. Fotos de criança na água, então cristalina, do Rio das Almas. Foto desolada no ensaio de *A Incrível História de Alqui Caba la Silva*, no dia em que furtaram nossos figurinos, riquíssimos, emprestados pelo diretor no camarim Teatro Nacional de Brasília, hoje Teatro Nacional Claudio Santoro, o que adiou a estréia da peça e deixou o grupo com uma baita dívida. Um cartaz de teatro, inúmeros desenhos e gravuras. Lembrança amarga de um trabalho de encerramento da aula de improvisação teatral (Oficina Básica de Teatro e Dança), em que as críticas severas da professora destruíram minhas ilusões com a dança contemporânea; lembranças doces de Nelson Gonçalves Gomes, Ana Vicentini, Lúcia Sander, Angélica Madeira, Lourdes Teodoro e Milton Cabral, professores de conteúdos teóricos de áreas afins, com os quais me identifiquei rapidamente, encontrando interesse em tudo o que cercava o teatro no campo de suas teorias, mitologias, filosofias, histórias e literaturas. Estiveram presentes na desmontagem representados pela figura de Ana Vicentini, representada por um livro de sonetos e poemas de Shakespeare no original inglês. Delas falei: Dona Helena, Maura e Ana. Com Maura, tive o momento da reconciliação. Com a dança, não.

Para finalizar, precisei correr para tentar falar tudo o que tinha que ser falado e era muito, apenas vinte minutos para cada desmontagem, vinte minutos, muito pouco. Concluí com a fala que me definiu na premência daquele momento de falar o quanto as professoras de Estágio Supervisionado e demais práticas pedagógicas eram visivelmente presentes para mim na professora em que me tornei: elza alabarce helena barcellos lais aderne. E completei com a frase que precisava ser dita para que eu me encontrasse em mim, com quarenta e sete anos, no início de um percurso de Doutorado. Para que? Para quem? Como campo de pesquisa, escolhi o Teatro na Educação a Distância, nas turmas da UAB/UnB no Acre. Por que? Perguntas muitas. Na preparação da desmontagem, encontrei uma pista, uma talvez resposta, que, na deglutição de tantos não falares consumidos pelo tempo, redescobri ali, tinha que ser falada, a única resposta: vejo nos estudantes da EaD o desejo de ir além de limites geográficos e econômicos, vejo a vontade de fazer arte e de que essa arte os coloque no mapa-mundi, de ter horizontes mais amplos de conhecimentos e práticas artísticas compartilhadas que possam reverberar em novos e novos compartilhamentos. Um pouco me vejo neles, como em espelho opaco, imagem distorcida. Cheguei a essa resposta e me satisfaz,

no momento. Preciso perguntar a essas pessoas se as ferramentas que lhes damos são suficientes para provocar a inquietação infinita do educador comprometido com sua comunidade. Preciso aprender junto com eles como inserir Teatro nas escolas, como descobrir ou relembrar a teatralidade das festas locais. Assim terminou minha desmontagem cênica da disciplina Pedagogia(s) do Teatro – Práticas Contemporâneas e assim clareei para mim mesma a justificativa de meu objeto de pesquisa no Doutorado.

REFERÊNCIAS

DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: **El tiempo de una tesis. Deconstrucción e implicaciones conceptuales**. Barcelona: Proyecto A., 1997. (pdf)

DIÉGUEZ, Ileana (comp.). **Des/Tejiendo Escenas**. Desmontajes: procesos de investigación y creación. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2009.

POE, Edgar Allan. **A Filosofia da Composição**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

TAYLOR, Diana. **O Arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

Recebido em 03/04/2014

Aprovado em 01/06/2014

Publicado em 31/07/2014